

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A GULA DOS TUPINAMBÁS:

Práticas alimentares e o hábito de comer carne humana no relato de Jean de Léry



9,6



A GULA DOS TUPINAMBÁS:

Práticas alimentares e o hábito de comer carne humana no relato de Jean de Léry

Monografia apresentada à disciplina de Pesquisa II, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Ms. Roberto Airon.

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha família, por absolutamente tudo. Especialmente à minha
qualquer outra coisa que eu diga não será suficiente.

Obrigada ao professor Airon pelas orientações e pela paciência de agüentar
sumiços. O já tradicional agradecimento à tia Aurinete pela paciência e gentileza de sempre.

Obrigada Eduardo por estar sempre ao meu lado. Agradeço à minha amiga Lílian
gigantesca paciência e ajuda nos momentos finais. E a todos os meus amigos que em
momento me incentivaram e não me deixaram desistir.

“Mesmo que fosse possível errar ao apontar a terra, que alguém fosse capaz de unir os céus, que a maré não tivesse fluxo e nem refluxo, que o sol se levantasse no oeste, jamais aconteceria das orações do devoto do Sutra de Lótus ficarem sem ser concretizadas.”

Nitiren Daishonin

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. DA TEORIA À PRÁTICA	7
1.1. O cavaleiro de Calvino e sua cruzada	11
1.2. A Reforma Protestante	14
1.3. 1492-1557	16
2. A EUROPA À MESA	19
2.1. A cerimônia alimentar tupinambá	22
2.2. Práticas alimentares indígenas em Jean de Léry	24
3. A ANTROPOFAGIA	37
3.1. Vingança	38
3.2. A mulher e a feiticeira	40
3.3. O ato de matar: crueldade, barbarismo e carnificina	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
FONTES E BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui o resultado de nosso estudo acerca das representações da prática indígena de comer carne humana de Jean de Léry, na sua obra “Viagem à Terra do Brasil”. Este trabalho é a conclusão da pesquisa iniciada no Grupo de Estudos dos Cronistas do Prof. Ms. Roberto Airon que tinha como objetivo a observação de três temas: os vestígios arqueológicos; os hábitos alimentares; e os costumes indígenas. Daí decorrendo o interesse pelo tema da antropofagia no universo alimentar tupinambá, procurando descobrir as origens da visão européia sobre tal. Baseado nessa busca a referência teórico-metodológica que utilizamos é a da História Cultural, tendo como referencial Roger Chartier. Tal referência foi útil em nossa pesquisa, pois o que nos propomos a fazer não é simplesmente listar os hábitos indígenas (práticas), mas a partir destes identificar a leitura que Jean de Léry fez (representações) sobre esses aspectos e se possível determinar de onde vieram as suas idéias (apropriação). Nos propomos então, a fazer uma “leitura da leitura” do relato de nosso cronista.

A descoberta de um “Novo Mundo” foi um verdadeiro choque que produziu especulações as mais variadas por parte dos habitantes do “Velho Mundo” (em especial, o debate sobre a “outra humanidade” que aqui se encontrava). O “surgimento” da América trouxe importantíssimas transformações para a economia e a política da época. Mas, principalmente, transformações para o universo mental. De repente, os europeus se viram diante de uma realidade muito estranha, uma afronta às suas concepções de mundo. Tiveram que repensar conceitos, se reposicionar frente a essa nova realidade. É a época dos

imagem que se tinha na Renascença desse ato aparentemente tão selvagem, e não vamos nos limitar apenas as práticas do indígena, mas também do europeu.

Como objetivo maior, pretendemos a partir da observação que Jean de Léry fez do ato de comer carne humana tanto entre indígenas como entre os europeus, identificar a idéia geral sobre tal prática. Dentro disso, observamos as condições de produção do relato; identificamos as práticas alimentares dos indígenas, em especial o de comer carne e mais ainda a carne humana; e, finalmente, identificamos as idéias acerca do pensamento europeu sobre tal ato.

O primeiro passo dessa pesquisa foi a leitura integral da obra de Jean de Léry e a retirada das observações deste sobre os costumes indígenas em geral, especificamente identificando as práticas indígenas quanto alimentação, na mesma seqüência em que aparecem no relato. A partir daí procuramos uma bibliografia que tratasse do contexto do Renascimento a fim de encontrar as origens do pensamento de Jean de Léry e identificar as idéias que originaram suas representações.

Com base nisso, o trabalho está apresentado da seguinte forma: no primeiro capítulo fizemos um histórico da História Cultural e explicamos os conceitos utilizados em Roger Chartier; no segundo momento, entramos na apresentação de nosso autor e a estrutura de sua obra; daí então num terceiro momento, recompomos o contexto histórico dos descobrimentos e da Reforma Protestante.

No segundo capítulo apresentamos o histórico dos hábitos alimentares, tanto no âmbito da Europa quanto no dos povos americanos. Em seguida, identificamos as práticas alimentares dos índios tupinambás, registrados por Léry, e, finalmente a prática antropofágica.

No terceiro capítulo mostramos as análises feitas por diversos autores sobre Jean de

1. DA TEORIA À PRÁTICA

Sendo a História Cultural herdeira da História das Mentalidades, nada mais justo do que fazer uma breve retrospectiva. A História das Mentalidades inicia-se com March Bloch e Lucien Febvre¹ e a sua revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, em 1929, numa luta contra a história tradicional que dominava a produção neste período. A esta interessava somente fatos, os acontecimentos e os “grandes homens”, sobretudo de natureza política, com seus “documentos verdadeiros” e sua recusa em se relacionar com outras ciências humanas². O movimento dos *Annales* vem romper com tudo isso, pois propunha “(...) uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seu modo de vida, de sentir e de pensar”³. Propunha uma história aberta ao diálogo com outras ciências humanas.

Essa História das Mentalidades alcançou seu auge nos fins da década de 1960, na França, quando passou a ter como foco principal o tema do estudo do mental, da vida cotidiana e suas representações, em que se destacaram as pesquisas girando em torno de quatro temas principais: religiosidade, sexualidade, sentimentos coletivos e vida cotidiana. Algumas características gerais estão presentes nos trabalhos de seus historiadores, são elas: a dissolução das diferenças quanto a estratificação social; a noção de inconsciente coletivo; o tempo de longa duração. No entanto, há discordâncias mesmo nesses aspectos entre os historiadores das mentalidades, devido a liberdade teórica e metodológica destes, chegando a ter três variantes na França. E essa é uma das várias críticas que se faz à História das Mentalidades. Essa pluralidade não permite falar em uma História das Mentalidades unificada tanto no campo teórico-metodológico e até mesmo quanto aos resultados das pesquisas. A sua

abertura às outras ciências foi tanta que acabou por prejudicar a própria soberania e legitimidade da disciplina.

Como consequência houve o abandono, uma migração dos historiadores das mentalidades para outros campos, como a história do imaginário, da vida privada, mas que, no entanto, com algumas variáveis, não passam de herdeiros dos temas e problemáticas da História das Mentalidades. Na verdade, há um contraste gritante entre os historiadores que se dizem das mentalidades (pouquíssimos) e os que estudam o mental (muitos). A principal receptadora desses ex-historiadores do mental foi a História Cultural. Os seus historiadores vão então, tentar se colocar o mais distante possível da História das Mentalidades, ficando evidente numa de suas características, a rejeição do conceito de mentalidade, afirmando ser muito “(...) vago, ambíguo e impreciso às relações do mental e do todo social”⁴. Em clara oposição, Jacques Le Goff afirma em seu texto:

“O nível da história das mentalidades é aquele do quotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo ímpessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum”⁵.

Ela vai também se autodenominar a Nova História Cultural, por se interessar pelas manifestações das massas anônimas diferentemente da anterior que só se preocupava com a cultura de elite. Também buscaram recuperar o papel das classes sociais e dos conflitos de

pesquisador construir sua maneira de investigar. E é justamente com base nesta última característica que se pode destacar três eixos de se fazer História Cultural.

O primeiro seria aquele feito por Carlo Ginzburg, que usa os conceitos de cultura popular e circularidade cultural. Estas idéias aparecem bem definidas no seu livro “O queijo e os vermes”, de 1976, em que analisa o processo inquisitorial de um moleiro, Menocchio, que sabe ler e interpreta a sua maneira os livros eruditos. Nesta análise, Ginzburg, define cultura popular como sendo “(...) o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico (...)”⁶. Este conceito de cultura popular é diferente do que é geralmente proposto e não pode ser entendido separado de outro conceito de circularidade cultural, que seria uma dinâmica entre a cultura popular e a erudita em que as duas se tocam, mas também se negam, se distanciam, provocando uma releitura a partir de seu encontro, da sua convivência.

O segundo eixo seria o de Edward Thompson, que faz uma “versão marxista” da história cultural. O seu objeto de estudo são as massas e a identidade da classe trabalhadora na Inglaterra setecentista. O diferencial de Thompson estaria na idéia de que é no processo de luta que as classes populares forjam sua identidade social. Portanto, o conceito de cultura popular, em Thompson, implica um destaque da resistência social e da luta de classes em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares num contexto histórico de transformação⁷.

O terceiro modelo é o de Roger Chartier. Para ele a cultura popular serve para “(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”⁸. E esta apreensão do mundo social se dá de acordo com

10

interesses do grupo que a produziu. Em Chartier, a cultura é identificada através das práticas ou seja, das ações. Mas estas ações têm uma origem, elas vêm de algum lugar e este lugar são as representações. Por isso, o modelo de Chartier foi escolhido para ser utilizado neste trabalho. É através da pratica de comer carne humana que nós vamos tentar identificar e reconstruir o pensamento por trás do ato.

Chartier usa os dois conceitos de representação dos homens do Antigo Regime, que seriam: “(...) por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro lado a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”⁹. O cerne desta questão está na relação entre representado e representação e da variabilidade das “(...) representações do mundo social e natural propostas nas imagens e nos textos antigos”¹⁰. Além do que, nós ainda temos a ação da imaginação que pode fazer com que o representado não exista, não passe de uma invenção da representação. Deste modo, a representação do que quer que seja pode ser manipulada e segundo Chartier usada como arma para se conseguir respeito e submissão, aplicar onde falte o recurso da violência. Logo as lutas de representações são mais um meio no jogo da ordenação da estrutura social. Cada classe ou grupo cria sua imagem e a dos outros. Para Chartier, a razão para se usar o conceito de representação do Antigo Regime se deve às três modalidades de relação com o mundo social que esta proporciona: primeiro, permite identificar o processo de classificação e delimitação das imagens produzidas pelos diferentes grupos; segundo, as práticas que definem e caracterizam cada grupo; terceiro, perceber as formas institucionalizadas que são um produto dos grupos e marcam sua existência.

da sociedade são assimilados pelo povo. No entanto, este mesmo povo têm as suas competências, as suas experiências, e é de acordo com estas que se dá uma releitura da leitura produzida pelos grupos. O conhecimento vai ser filtrado, permanecendo, modificando e descartando o que se deseja de acordo com o indivíduo, como confirma Chartier:

“Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são descarnadas e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”¹¹.

1.1.O cavaleiro de Calvino e sua cruzada

Para isso precisamos conhecer como as fontes utilizadas foram construídas, isto é, as condições em que “Viagem à terra do Brasil” de Jean de Léry foi produzida.

Este nasceu em La Margelle, França, em 1534, era calvinista e sapateiro (só mais tarde se tornou ministro) quando veio à América portuguesa. Chegou ao Rio de Janeiro mais precisamente numa ilha da Baía de Guanabara, em 1557 (aqui permanecendo quase um ano, de dez de março de 1557 até quatro de janeiro de 1558).

Antes de tratarmos da obra em si, é necessário saber o por quê de Jean de Léry ter-se

“(…) que os espanhóis, e principalmente os portugueses, gabando-se de ser os primeiros descobridores da terra do Brasil bem como da região compreendida entre o estreito de Magalhães, a 50º do pólo Antártico, e o Peru e ainda aquém do Equador, sustentam ser donos desse país, considerando os franceses que o abordam usurpadores. (...) Os franceses sustentando o contrário, afirmam que lhes cabe parte desses países recém conhecidos; não os sedem de bom grado aos espanhóis e muito menos aos portugueses, antes se defendem valentemente e não raro dão troco às crueldades”¹².

O próprio Jean de Léry deixa claro os motivos pelos quais se fez empreender nesta viagem: em primeiro lugar, para estabelecer no Brasil o calvinismo, tanto entre os franceses que aqui se encontravam como entre os nativos e em segundo lugar como bom filho de sua época “(...) por curiosidade de ver o mundo...”¹³. Léry veio então para participar da construção da França Antártica, dirigida pelo almirante Nicolau Durand de Villegagnon, através do pedido a Calvino para que mandasse pessoas instruídas na religião reformada para que pudesse consolidar esta terra como refúgio aos perseguidos da nova religião.

Inicialmente, estes novos habitantes foram designados para construção do forte de Coligny, no entanto, os maus tratos a que eram submetidos e as divergências religiosas como o próprio Villegagnon (que não se mostrava mais tão certo em abraçar a nova religião), fez com que Jean de Léry e mais alguns deixassem a França Antártica e vivessem assim mais próximos dos índios tupinambás, que já visitavam com freqüência. E foi, a partir desses encontros que nosso calvinista pode escrever seu livro (não era seu objetivo produzir nenhum tipo de relatório, mas, ela acabou se sentindo no dever de prestar conta do que viu e ouviu por

refutar as “mentiras” contadas pelo frade André Thévet em seus “Singularidades da França Antártica” e “Cosmografia”. São várias as “mentiras” de Thévet segundo Léry, no entanto uma em especial perturbou nosso cronista, a de que os calvinistas teriam provocado uma sedição e a morte de católicos. Thévet que também esteve na França Antártica rebateu as “mentiras de Jean de Léry”.

Visto essas peculiaridades vamos descrever alguns elementos da obra de Jean de Léry. Esta obra é composta por uma dedicatória, prefácio, vinte e um capítulos e o registro de um canto tupinambá. Na dedicatória Jean de Léry agradece a Francisco de Coligny, filho de Gaspar de Coligny pelo patrocínio da viagem. No prefácio Léry destila suas críticas sobre Thévet. Quanto aos capítulos eles podem ser divididos em três categorias, os que tratam da viagem em si (motivo; preparos; navegação na ida e na volta), da natureza (descrição da terra; das aves; dos animais terrestres; das plantas comestíveis; das árvores; dos peixes) finalmente, sete capítulos dedicados aos costumes indígenas (descrição física; guerra; rituais antropofágico; religião; família; regras de comportamento e tratamento; morte). Entretanto mesmo nas duas categorias Jean de Léry não deixa de falar dos hábitos indígenas. O ato de comer carne humana não é tratado só no capítulo específico, mais em vários momentos durante todo o texto.

É imprescindível conhecer outra característica importante da produção desse texto antes de prosseguirmos. O primeiro manuscrito ficou pronto em 1563, porém, foi perdido ao ser emprestado a um amigo. O segundo foi escrito em 1572, e não era completo como o primeiro, este também foi perdido. O primeiro manuscrito foi encontrado em 1576 e publicado em 1578. Ou seja, vinte anos após a sua volta da América, vinte anos decisivos em

como consta no próprio título “Revisada, corrigida e bem aumentada nesta segunda edição, tanto em relação às gravuras como as outras coisas notáveis acerca do autor”)¹⁴.

Dentre esses acontecimentos está o cerco de Sancerre. Jean de Léry somente em 1560 tornou-se ministro e foi designado a uma cidade francesa. Por ocasião da Noite de São Bartolomeu¹⁵ Léry encontrava-se em Lá Chatiré, que também foi varrida pela onda de violência, conseguindo se refugiar na praça forte de Sancerre, onde permaneceu sob cerco de treze de fevereiro a catorze de agosto de 1573. Um cerco tão longo esgotou todas as provisões de alimentos, fazendo com que Jean de Léry aplicasse os conhecimentos adquiridos durante as viagens de ida e volta ao Brasil. Também se utilizou dos costumes indígenas fazendo redes com lençóis. As barbaridades cometidas nesses tempos, e em especial nesse cerco, mostraram a Jean de Léry que a prática antropofágica não estava tão longe assim.

1.2.A Reforma Protestante

Mas estes acontecimentos podem ser entendidos num âmbito maior. O da Reforma Protestante e da Reforma Católica. O marco de fundação da Reforma Protestante foi a afixação das 95 teses na porta da igreja de Wittenberg em 1517 por Lutero. Martinho Lutero, professor de teologia na Universidade Saxônica de Wittenberg, com 34 anos, deu início a uma onda reformista impensável com este ato. O ato em si não tinha nada de incomum e até mesmo o conteúdo das teses não era um a total novidade. Nelas criticava a Igreja, o comportamento dos clérigos, mas a questão central era as indulgências. Porém, não era só o

“De qualquer modo, fora os ódios e as queixas seculares, era claro que a Europa ocidental em geral e de novo a Alemanha em particular se debatiam com o que pode ser designado como crise espiritual. O fracasso mais fundamental da Igreja não residia na sua riqueza, n seu mundanismo, na sua imoralidade um tanto exagerada, na sua obediência a uma papa estrangeiro, que não era mais do que um pequeno príncipe italiano: residia sim na sua total incapacidade de proporcionar paz e consolação a gerações conturbadas num era de incertezas.(...) Os melhores espíritos procuravam a resposta no misticismo, na procura duma direta da alma com Deus, o que não ultrapassava a Igreja como instituição mais também minava a sua pretensão a ter unido razão e revelação um todo orgânico.”¹⁶

Seguindo a linha cronológica, vamos nos deparar com outro reformador, este mais importante para nosso estudo, o francês João Calvino. Calvino pertenceu a segunda geração de reformadores, tendo apenas oito anos quando Lutero pregou suas teses. Este fato é particularmente importante para compreendermos suas teses, desde cedo já estava em contato com as idéias reformistas, não houve ruptura.

A doutrina de Calvino encontrava-se em Deus e não nos homens. O propósito maior do homem é conhecer a Deus por quem foi criado, sempre baseado na Onipotência e Onipresença de Deus. O homem é um mero instrumento de Deus para mostrar Sua justiça e Sua misericórdia. Um dos princípios do calvinismo é a predestinação, na qual Deus predestina alguns homens para a salvação e outros à danação. Mas todos (pois ninguém sabe em que lado está) devem viver somente com a esperança de ter a salvação, já que nem mesmos os bons atos e uma vida correta são garantia para alcançá-la. No entanto, na prática não era bem isso o que se pensava, os calvinistas acreditavam que a garantia de salvação era necessário de

pão e o vinho funcionaria como o meio para infundir a graça na alma redimida, segundo Elton:

“A essência da Reforma, o que lhe deu o seu atrativo esmagador foi, repetimos, não o seu ataque aos abusos, mas a sua reinterpretação positiva e necessariamente revolucionária da religião cristã.”¹⁷

A Reforma Protestante alcançou grande êxito e se propagou rapidamente. Mas também foi rápida a resposta da Igreja Católica tomando certas medidas que acabaram por lhe garantir a obediência de alguns reinos na Europa e de suas colônias na América. Entre essas medidas destacamos três: a criação da Companhia de Jesus que teve papel crucial na América; a reativação do Tribunal do Santo Ofício responsável por inúmeras perseguições e execuções inclusive no Brasil; e o Concílio de Trento com as mudanças na estrutura da Igreja. Mas essa disputa entre católicos e protestantes não ficou restrito às bulas, concílios e teses. Ela também se estendeu a um conflito armado, uma verdadeira guerra religiosa.

1.3. 1492-1557

Mas para entender como Jean de Léry pôde cruzar o Atlântico e chegar ao Brasil precisamos recuar até 1492.

1492, o ano da descoberta da América, este marco só pôde acontecer devido há alguns

fizeram com que os portugueses tivessem essas vitórias. Na verdade, esses descobrimentos foram uma consequência da situação por que passava a Europa. O monopólio genovês dos produtos orientais os encarecia demasiadamente, a carência de metais preciosos e as guerras. Enfim, a crise generalizada que se arrastava desde o século XIV serviu como um trampolim para que os europeus e primeiramente, os portugueses, procurassem outras saídas. E como as razões para a expansão marítima não poderiam estar somente em questões materiais, o homem do renascimento também navegava ao encontro dos seus sonhos, do exótico, do paraíso terrestre e da conquista de Jerusalém.

Assim, em 1492 o genovês Cristóvão Colombo em sua busca por um novo caminho para chegar às Índias, navegando em linha reta pelo oeste, acaba chegando à América descobrindo o que seria a grande fonte de lucro da Europa nas décadas seguintes. Apesar de no momento não se ter idéia do que viria a acontecer, pois Colombo acreditava piamente, como leitor ávido de Marco Polo e Pierre d'Ailly, ter chegado às Índias e não a uma terra desconhecida.¹⁸

O Brasil entra no conhecimento e posse do mundo europeu somente em 1500, com os portugueses. Porém, este só vai conhecer uma expedição da colonização em 1530, ficando o Brasil abandonado até então (com presença portuguesa somente em alguns pontos do litoral, onde estabelecera feitorias para transporte de pau-brasil). Mais tarde, em 1534, foi criado o sistema de capitanias hereditárias e em 1548 é instituído o governo geral. Entretanto, a ocupação lusa ainda não era significativa a ponto de impedir a invasão de outros países. Por isso, a presença de estrangeiros era tão constante nas costas brasileiras, possibilitando assim, as tentativas de colonização francesa. Era um período de incertezas, no qual estava em aberto,

Foi da fusão entre necessidade e desejo que fez viajantes, religiosos, soldados, oficiais de governo arriscar nessa travessia Atlântica e se deparar com uma nova realidade. Mais precisamente uma nova humanidade. Segundo Laura de Mello e Souza:

“A descoberta da América talvez tenha sido o feito mais espantoso da história dos homens, pois abria as portas de um novo tempo, diferente de todos os outros (...)”¹⁹

Estamos vendo um tempo de transição, de rupturas e continuidades. Período em que duas reformas religiosas acontecem em meio a uma efervescência de produção intelectual, artística e científica.

2. A EUROPA À MESA

Tempos modernos, tempos de descobertas, descobertas de todos os tipos. Novos povos, novos lugares, novos costumes, novos produtos, e estreitamente ligado a este último, uma nova alimentação. Uma das novas integrantes desta, são as especiarias (não por sua novidade, pois já eram conhecidas, mas por sua maior quantidade e variedade), que atuam como causa e consequência da onda de descobrimentos. Foram elas um dos motivos de se empreender a busca por novas rotas para as Índias e quando esta foi alcançada se tornou um dos produtos importados do Oriente, adquiridos não para um simples uso na culinária, mas para fins terapêuticos. As especiarias em geral tinham propriedades medicinais conhecidas e estimadas, não sendo difícil entender a transposição para uso na cozinha, para o simples prazer de comer.

A variedade e a novidade das especiarias já seria um bom motivo para se entender o aumento do seu comércio, a sua importância, no entanto, há um outro motivo. Acreditava-se que a digestão era um processo de cozimento, tendo como protagonista o calor animal que cozia vagarosamente o alimento no estômago. Como as especiarias eram consideradas quentes, estas contrabalançavam a frieza de alguns alimentos auxiliando o cozimento natural. Havia ainda um adicional, além de serem quentes esses condimentos também vinham de uma região quente, eram mais refinados, mais eficazes do que os condimentos europeus. Mais interessante ainda, é que a questão da digestão e do sabor das comidas estão interligadas nos manuais de dietistas, como se pode ver no texto de Jean-Louis Flandrin:

estranho – eles acreditavam que mudando o sabor de um alimento mudava-se-lhe a natureza.”²⁰

Não só com relação à degustação e a digestão girava o tema alimentação. Esta gerava também uma distinção social. No medievo se estabeleceu uma ponte entre alimentação e condição social.

Os alimentos adquiriam um valor externo condizente com cada classe social. Tanto é que leis suntuárias dedicavam preciosa atenção na escolha dos alimentos, em especial, nos acontecimentos públicos, que não deveriam ser ostensivos, nem modestos demais.

Mas a questão do julgamento dos alimentos ia além das leis suntuárias, existia um verdadeiro esquema de classificação. Esse esquema, chamado de “cadeia do ser”, baseava-se na idéia de que assim como Deus criou o mundo natural, o mundo social também era regido por este, portanto, de acordo com um princípio vertical e hierárquico, princípio em que todo elemento tem o seu lugar definido numa escala. A “cadeia do ser” dividia as criaturas em quatro segmentos que tem relação com os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) e aos quais se encaixavam todos os animais e plantas (reais e mitológicos). Todas as espécies de plantas pertenciam ao grupo da terra, o nível mais baixo da cadeia e por isso, o mais grosseiro. No entanto, dentro do mesmo segmento havia uma classificação que os ordenava umas mais nobres que as outras, sempre deixando espécies diferentes com graus diferentes. E essa variação no bloco da terra se fazia da seguinte forma – quanto mais próximo da terra a parte comestível da planta estiver, menos nobre ela será. Os peixes e os outros animais aquáticos, iam das esponjas até os golfinhos. Estes últimos, junto com as baleias, eram

as aves que alcançavam grandes altitudes. No fogo estava a salamandra e os animais mitológicos que vivem no fogo. Os quadrúpedes ficavam numa posição abaixo das aves, indo do porco ao vitelo. Criava-se um paralelismo entre hierarquia da sociedade e da natureza que acabava por estabelecer como cada produto da natureza estava reservado a uma determinada camada social.

Portanto, as distinções na alimentação das classes sociais iam além do âmbito econômico, da condição financeira, e se fundamentava num pensamento de que nem mesmo os alimentos são neutros. A natureza mais nobre das classes superiores exigia alimentos nobres. Conseqüentemente à classe trabalhadora cabia alimento mais rústico, ou seja, legumes e cereais grosseiros no máximo carnes inferiores (porco e carneiro). Esta era a opinião seguida por médicos e dietistas. Se havia essas distinções tão fortes entre ricos e pobres, o que não haveria entre europeus e americanos, entre Jean de Léry e tupinambás?

As frutas eram consideradas perigosas, não podiam ser consumidas a toda hora. Cada uma tinha um procedimento a seguir - as frias no começo das refeições, outras no fim para ajudar a empurrar a comida e este não voltar à boca. Algumas deviam ser acompanhadas de outros alimentos e condimentos. Outras vezes cozidas. Apesar das restrições nem sempre obedecidas, as frutas eram cada vez mais consumidas de diversas maneiras nos tempos modernos.

Quanto ao ato de beber não era elegante a embriaguez, com se observa na citação seguinte:

“(...)aquele que se embriaga comporta-se como um louco e peca de três maneiras: prejudica seu corpo, prejudica sua alma e ‘perd lo vin kel spend’(perde o vinho que gasta)”²¹

Também não é de bom tom se fazer perguntas a uma pessoa que está bebendo. O comportamento à mesa, em geral, deve evitar os excessos, ou seja, tagarelice, ruídos desagradáveis, falar de boca cheia etc.

2.1. A cerimônia alimentar tupinambá

Com relação ao Brasil, Angyone Costa vê o índio com um apetite voraz, não lhe escapava nada, “(...)do piolho à onça, do jacaré à outro índio.”²² E mais, apesar da boa nutrição que a natureza americana lhe proporcionava esta era anulada pelo mau hábito do índio de comer em demasia, pelo simples “(...) hábito de mastigar, de não estar com a mandíbula parada.”²³ Toda essa comida não permitia uma boa digestão e era a razão de doenças e de pesadelos que segundo Costa, Hans Staden foi testemunha.

Já Câmara Cascudo diz ser a mandioca a base da alimentação indígena. Os dois principais produtos que se fazia dela eram a farinha e o beiju. O primeiro acompanhava todo tipo de comida da carne a fruta. A farinha feita de mandioca era assada numa grande vasilha de barro que ficava em cima de uma armação também de barro onde era aceso o fogo. Cada um recebia na cuia uma porção individual e ia comê-la quieto, como se estivesse numa cerimônia. O mingau e o pirão são outras comidas que levam farinha de mandioca. O primeiro podia ser feito só com farinha e água, ou também com outros ingredientes, como: carne, peixe, ervas, lagostins. O segundo era mais consumido e tinha de dois tipos: um feito com caldo de peixe ou carne derramado sobre a farinha seca; no outro a farinha vai sendo colocada

Seguem na ordem de consumo: macaxeira, aipim, batata e cará. O milho era consumido assado ou cozido, também se fazia bebida com ele. Mas não era aqui tão importante como na América espanhola.

O índio assava com espeto ou moquéem. Sendo o primeiro prática mais antiga. O moquéem seria uma espécie de grelha e Cascudo usa justamente a descrição de Léry (será vista mais adiante) como exemplo. O moquéem era mais usado na conservação do alimento do que para consumo imediato, devido a sua demora para assar. Também há o forno subterrâneo que consiste num buraco na terra onde a carne é colocada envolta em grandes folhas. Fechado o buraco com terra, é aceso fogo por cima que queima até que a carne esteja pronta. O tempero mais usado era a pimenta misturada ao sal direto na boca ou no alimento. Mas o verdadeiro tempero da comida indígena era a cocção.

Não era feito suco com as frutas, mas só bebida alcoólica. Elas eram geralmente comidas cruas, cozidas, assadas, ou em forma de caldo. Os indígenas adoram alimentos líquidos, a bebida funcionava como alimento independente da comida. Beber era um ato grupal, uma festa, diferentemente da cerimônia solene do ato de comer. A bebida destas alegres cerimônias era o cauim feito de mandioca. A mandioca era fervida em grandes potes, deixada esfriar e mastigada. A massa daí resultante era misturada com água e fervida outra vez. Depois colocam a bebida em potes enterrados até a metade, tampados e os deixam para fermentar. Cada cabana faz a sua e quando se reúnem para beber (o que acontece uma vez por mês) passam de cabana em cabana até que toda a bebida se acabe, cantam e dançam, fazem incrível barulho, segundo Hans Staden.²⁴

2.2. Práticas alimentares indígenas em Jean de Léry

Finalmente, vamos tratar do que Jean de Léry observou da alimentação dos tupinambás. O primeiro capítulo chama-se “Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauim”. Neste ele trata do aipim, da mandioca e do milho. Jean de Léry descreve detalhadamente, desde com são plantadas, a forma das plantas, como são preparadas e como são consumidas.

Cabia às mulheres a preparação das comidas e bebidas que se faziam com esses vegetais e Léry deixa isso bem claro:

“São as mulheres como já disse, que tudo fazem nessa preparação, tendo os homens a firme opinião de que se eles mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa.”²⁵

“Depois de arrancá-las, as mulheres (os homens não se ocupam disso) secam-nas ao fogo(...)”²⁶

O aipim e a mandioca são ralados numa tábua de madeira com pedrinhas pontudas e cozidas em grandes frigideiras de barro daí podendo sair dois tipos de farinha. Uma muito cozida e dura que não se estraga facilmente, usada nas expedições guerreiras. A outra é menos cozida e mais tenra. Delas podem ser feitas papas ou comidas sem mais nenhum preparo, e o que interessou Jean de Léry foi o modo como faziam isto – atirando na boca, até de longe, sem errar nenhum farelo.

Outro modo de prepará-la, é depois de raladas e ainda frescas são feitas bolas que

Outro fato que chamou a atenção de nosso cronista é que eles não tinham uma hora certa para as refeições, só comendo quando tem fome e são sóbrios no comer (em oposição ao beber, como veremos adiante). Durante as refeições mantêm absoluto silêncio. Alguns ainda lavam as mãos e a boca antes e depois das refeições e Jean de Léry acredita que seja devido a viscosidade das comidas feitas com aipim, mandioca e milho.

O aipim e a mandioca são também usados para preparar a bebida indígena, o cauim que é aqui descrita:

“Depois de as cortarem em rodela finas, como fazemos com os rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias de água, até que amoleçam; tiram-nas então do fogo e as deixam esfriar. Feito isso acorram-se em torno das vasilhas e mastigam as rodela jogando-as depois em outra vasilha, em vez de as engolir, para uma nova fervura, mexendo-as com um pau até que tudo esteja bem cozido. Feito isso, tirando do fogo a pasta e a põem a fermentar em vasos de barro de capacidade igual a um ameia pipa e fica a bebida pronta para o uso”²⁷

O mesmo fazem com o milho. Esse processo peculiar de fazer bebida fez com que Jean de Léry procurasse outro meio de prepará-la, de modo mais limpo. Ele então pilou a mandioca, mas não teve bom resultado, se rendendo a beber do cauim feito pelas índias. Mas deixando claro que ele e os outros franceses não o faziam com comumente. Segundo ele por ter cana a vontade, fazia com ela uma infusão na água que a deixava refrescante. Entretanto, se vê na obrigação de defender o modo de preparo tupinambá das possíveis críticas dos leitores quanto à higiene do processo. Ele argumenta que o vinho é fabricado através de

“Pode-se dizer que o vinho ao azedar e fermentar lança fora de si toda a impureza; em verdade o cauim também se purga...”.²⁸

Jean de Léry se impressionou com a disposição dos índios para beber e os considerou verdadeiros beberrões. Ele descreve assim o ato de beber – são enfileirados dezenas de potes cheios de cauim que as mulheres amornam com um pequeno fogo em torno deles, pois o bebem assim, amornado, então os homens passam dançando em fileira e as mulheres entregam a cada um a cuia cheia. Mas elas também bebem “(...)no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vezes quantas necessárias para que na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota de cauim.”²⁹ Eles podem beber dias e noites seguidas e quando saciados, vomitam para recomeçar a bebedeira, fazem isso para se divertir. Para Léry não há no mundo maior “profissional” na arte de beber do que os tupinambás.

Durante essas bebedeiras encorajam uns aos outros a fazerem muitos prisioneiros em guerra, “(...) enfileiram-se, como graus, e não cessam de dançar, de entrar e sair da casa em que se reúnem, até que tudo se conclua, isto é, que se tenha esgotado toda a bebida”³⁰. Jean de Léry percebeu que eles também em algumas ocasiões bebiam modestamente em suas redes. Outro fato notado, é que não comem durante as bebedeiras, como não bebem durante as refeições e nunca se reúnem para comer.

O capítulo seguinte é “Dos animais veações, lagartos, serpentes e outros animais monstruosos da América”. Na primeira frase desse capítulo Jean de Léry afirma não existir

aparência real dos bichos americanos Jean de Léry monta um verdadeiro quebra cabeça com partes dos mais diversos animais europeus, como se pode ver na descrição da preguiça:

“(…) é do tamanho de um cão-d’água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem o ventre pendurado como o do porco prenhe, o pêlo pardo-escuro como a lã do carneiro preto, e cauda curtíssima, as pernas cabeludas, como os do urso e as unhas muito longas”³¹.

Jean de Léry descreve absolutamente tudo sobre o animal, desde o físico, ao gosto da carne, o comportamento, as outras utilidades. Como, por exemplo, a anta que não é perigoso, só se defende fugindo e com o couro faziam escudos usados na guerra. A paca que tem gosto de vitelo e a pele manchada de branco, pardo e preto seria muito apreciada no vestuário europeu. O tatu de sua carapaça era feito cestos. Mas num ponto todos os animais convergiam, o modo de preparo. Os animais eram geralmente (geralmente, porque podem ser também cozidos) moqueados no “moquém”, uma espécie de grelha que Léry descreve assim:

“(…) os americanos em terra profundamente no chão quatro forquilhas de pau enquadradas à distância de três pés e à altura de dois pés e meio; sobre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira que chamam *boucan*. Tem-na todos em suas casas e nele colocam a carne cortada em pedaços, acendendo um fogo lento por baixo, com lenha seca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada”³².

farinha. Esse utensílio serve também de armário, sendo comum encontrar pedaços de carne humana dos prisioneiros. Os tupinambás só raramente se alimentam de animais domésticos de estimação, como o cronista percebeu ao comer uma galinha de estimação e ser desafiado para uma luta no outro capítulo.

Ele também descreve animais incríveis, por exemplo, o porco que tem “(...) uma deformidade notável, uma abertura natural, como a do golfinho na cabeça, por onde sopra e respira e aspira quando quer.”³³ E se apóia no outro livro “História geral das Índias” no qual o autor descreve aparentemente o mesmo fato e também o caso do lagarto que se deleita ao contemplar o rosto humano. Ele não descreve o modo de caça-los. Jean de Léry se mostrou aberto a novas experiências, a mudar de opinião como já vimos em relação ao consumo de cauím por parte dele. O teju, lagarto acinzentado, que a princípio dava nojo, mas depois que “(...) destripados, lavados e bem cozidos, apresentam uma carne branca delicada, tenra e saborosa como o peito do capão, constituído uma das boas viandas que comi na América. A princípio, em verdade, repugnava-me esse manjar, mas depois que o provei não cessei de pedir lagarto”³⁴. Esses animais tão exóticos e de sabores tão maravilhosos têm que ser esticados, diminuídos, aumentados europeizados, para serem compreensíveis ao leitor do Velho Mundo.

O capítulo seguinte é “Da novidade de aves da América, todas diferentes dos nossos bandos de grandes morcegos, das abelhas, moscas varejeiras e outros vermes singulares desse país”. Há uma grande variedades de aves, mas não são muitas as que servem para comer. Eles se alimentam das galinhas grandes chamadas *arinham-assú*, não comem das galinhas trazidas pelos portugueses, *arinham-mirim*, e acreditavam que seus ovos eram venenosos. Ficavam

surpresos ao ver os europeus comerem desses ovos e diziam “(...) que por falta de paciência para deixá-los chocar praticávamos a gulodice de comer uma galinha inteira num ovo”³⁵.

Abstinham-se de animais vagarosos como os patos (como também da arraia) por acreditar estupidamente que adquiririam essa característica se os comem. Na descrição das aves comestíveis, as compara às européias quanto a aparência e ao gosto:

“*Iacutin, iacupena e iacu-assú*, todas de plumagem escura ou negra; parecem-me da família dos faisões e posso assegurar que não há melhor carne”³⁶.

Na descrição das demais aves (que não servem para alimentação) Jean de Léry não resiste e evidência a principal característica dos calvinista, demonstrar que o homem serve para louvar a Deus:

“Quanto a plumagem, como vereis pela descrição, não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante. Contemplando essas aves, somos forçados a exaltar não a natureza, como fazem os profanos mas o admirável criador dessas maravilhas”³⁷.

Quanto ao mel, se limita a dizer que os índios o consomem como os europeus e que as abelhas mais parecem com pequenas moscas pretas, totalmente diferente das européias.

O próximo capítulo é “Os peixes mais comuns e do modo de pescá-los”. Diz que os rios e o mar estão povoados de uma infinidade de peixes. Descreve rapidamente alguns peixes, comparando-os aos que lhe são conhecidos quanto ao sabor da carne. Demorava-se

peixe na dieta indígena pode ser vista no seguinte trecho, em que um dos cantos:

“O *camuroponi-uassú* é um peixe muito grande a que os tupinambás cantam danças e cantos, repetindo muitas vezes: *pira-uassú a uéh, camupuri* e dizem ‘bom de comer.’”³⁸

Os peixes que são visíveis dentro d’água são flechados e depois capturados. Também usam espinhas que se assemelham a anzóis presos a uma linha chamada *tucom*, pescam nas ribanceiras e nas margens de rios. Também usam um rio com pequenas jangadas, as *piperis*, dirigem-nas com as pernas estendidas. E quando usavam as redes européias demonstravam grande habilidade.

Agora vamos nos deter em um episódio que não poderia deixar de ser mencionado. O tupinambá contou-lhe um fato que aconteceu numa pescaria em alto mar. Jean de Léry teria agarrado a embarcação, sua mão foi decepada e caiu dentro do barco. O peixe tinha cinco dedos com uma mão humana. Logo depois o peixe colocou a cabeça para fora e tinha um rosto humano, soltando um gemido. Jean de Léry depois de analisar a narrativa lança ao leitor a escolha da resposta (mas ele ajuda dando opções: se tritão, se sereia, se bugio marinho) desse assunto não se atrevendo a escolher. Mas, afirma nunca ter visto durante sua viagem qualquer peixe com fisionomia humana.

O último capítulo que trata de alimentação é “Das árvores, plantas e frutos deliciosos que a terra do Brasil produz”. Ele divide a descrição de

“É verdade que a *iri* dá frutos redondos como abronhos pequenos e reunidos como uvas, em cachos que o homem pode carregar facilmente; só o caroço presta, entretanto, e não é maior do que a cereja”³⁹.

As folhas superiores desta planta eram comestíveis e o palmito servia como medicamento. Também era usada como remédio a *hiyuaré* para tratar a *pian*, doença que Léry considerava perigosa como a varíola.

Jean de Léry também fala do caju e da banana. O primeiro se come *in natura* ou se faz refresco, o único problema que devido a altura das árvores só as conseguiam quando os macacos as derrubavam. Já a segunda lembra o figo e se consegue grande quantidade dela.

Jean de Léry inicia a parte que trata das plantas e ervas dizendo que falara primeiro das cujo fruto e seus efeitos são mais úteis. Assim a de que primeiro trata é o *ananá*, ou abacaxi:

“Assemelha-se à espadana, tendo as folhas um pouco côncavas, estriadas nos bordos e muito parecidas como as do alôes cresce em touceiras, como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sai da plantas como as alcachofras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativamente a framboesa que de longe os sentíamos nas matas onde cresce; é muito doce e o reputo o fruto mais saboroso da América”⁴⁰.

Mais adiante, Jean de Léry acredita ser este fruto saudável. Será essa desconfiança um resquício da má fama que as frutas tinham?

tupinambás usavam o pimentão pilado junto com sal (conseguido retendo água do mar) colocando essa mistura na boca logo após a comida. Jean de Léry fala ainda do feijão e da abóbora. Léry então conclui os quatro capítulos que falam da alimentação confirmando:

“Não existe na América quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente idênticos ao da Europa; não vi tão pouco árvores, ervas ou frutas que não divergissem da nossa, a exceção da beldroega, do manjericão e do feto, que vive em vários lugares, como pude observar nas excursões que fiz pelas matas e campos do país”⁴¹.

Apesar das diferenças, louva a beleza e riqueza da natureza com o salmo 104:

“Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o Universo? Como tudo fizeste com grande sabedoria? Em suma, a terra está cheia de sua magnificência”⁴².

E finalmente conclui o capítulo com uma ressalva que precede os capítulos sobre costumes indígenas:

“Felizes seriam os povos dessa terra se conhecessem o criador de todas essas coisas. Como porém isso não acontece, vou tratar de matérias que nos provaram o quão longe estão eles ainda disso”⁴³.

Agora sim, nós entraremos no capítulo que trata do ato de comer carne humana – “De como os americanos tratam os prisioneiro de guerra e de cerimônias observadas ao matá-los e

capturados e levados a aldeia os prisioneiros são bem alimentados e se são bons na caça (homens) e no plantio(mulheres). Dão mulheres aos prisioneiros, mas não dão homens às prisioneiras. E assim ficam até que chegue o dia do sacrifício. Todas as aldeias vizinhas se reúnem então em grande festa com canto, dança e cauim. O próprio prisioneiro, ciente de que se trata, também participa das comemorações e para espanto de Jean de Léry, “(...) longe de mostrar-se pesaroso enfeita-se todo de penas, salta e bebe como um dos mais alegres convivas.”⁴⁴

Depois de mais ou menos sete horas é agarrado e sem resistência amarrado pela cintura com um índio segurando em cada ponta. Passeando assim pela aldeia, então entregando uma provisão de cacos de potes e pedras para que se vingue, ele os atira com toda força nos presentes dizendo que também é um valente guerreiro que já matou e comeu muitos avós dos que ali estão. Quando sua artilharia se acaba, o guerreiro que irá executá-lo e que permanecer em sua casa até então, vem ao encontro do inimigo. Este executor está ricamente enfeitado e traz um tacape a mão e faz uma pergunta:

“Não és tu da nação dos maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e devorado aos nossos pais e amigos?”⁴⁵

O prisioneiro, orgulhoso, confirma, depois disso é morto com uma pancada na cabeça.

E Léry descritivamente afirma:

“Os executores desses sacrifícios humanos reputam o seu ato grandemente honroso, depois de

negro que as torna indelévels. O número de incisões indica o número de vítimas sacrificadas
 lhes aumenta a consideração dos companheiros”.⁴⁶

Esses indígenas temem a morte natural, porém consideram ser devorado pelo inimigo
 como uma morte uma morte feliz. Mais incrível crueldade ainda é o que acontece se a mulher
 do prisioneiro estiver grávida, seu filho fruto da semente inimiga, também será devorado.
 Com o prisioneiro morto, a esposa “(...) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto
 digo propositadamente curto pranto porque essa mulher tal qual o crocodilo que mata o
 homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o
 marido morto mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço”⁴⁷. As outras mulheres
 chegam com água fervendo para escaldar o corpo e arrancar a pele. Mas entre estas, as velhas
 são as mais apressadas, pois segundo Jean de Léry são as mais gulosas. Depois o corpo é
 esquartejado pelo seu dono e seus ajudantes. E com “incrível crueldade” esfrega-se o sangue
 do morto nas crianças para que fiquem mais valentes.

Todas as partes do corpo depois de lavadas são colocadas no moquém, a gordura que
 escorre é recolhida mais uma vez pelas velhas gulosas que exortam “(...) os homens a
 procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: *iguatú*
 o que quer dizer ‘está muito bom.’”⁴⁸ Depois de bem cozida a carne é repartida e todos
 provam dessa iguaria. Apesar de tudo isso afirma que não é por gula, evidentemente com
 exceção das velhas, que os tupinambás praticam esse ato, mas sim por vingança, “(...) seu
 principal intuito é causar temor aos vivos”⁴⁹. E mais para “(...) satisfazer seu sentimento de
 ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção

Ato de semelhante crueldade era praticada entre os europeus. Os usurários que “sugam o sangue” de pobres pessoas como viúvas e órfãos. Não estaria aí o lugar sempre reservado ao judeu, um dos bodes expiatórios preferidos do homem ocidental. E para maior tristeza de Léry, não só os índios, nem só por analogia, mas concretamente, se comia carne humana entre os europeus, é o caso de certos intérpretes normandos:

“(…)mas ainda excediam os nativos em desumanidade, vangloriando-se mesmo de haverem morto e comido prisioneiros.”⁵¹

Jean de Léry continua seu texto dizendo que muitos outros exemplos podem ser dados da crueldade indígena. No entanto, não é preciso olhar para outro lugar, outro povo para isso. Na própria Europa durante os conflitos religiosos o que se viu foi “(…) a gordura das vítimas trucidadas em Lyon, muito mais barbaramente do que pelos selvagens, publicamente vendida em leilão e adjudada ao maior lançador?”⁵²

Alguém que Léry cita, mas que ele mesmo desconhece, fez versos em que diz que o barbarismo de Nero e Heródes cai em esquecimento diante dos atuais fatos. E conclui o capítulo:

“ Não abominemos portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aquelas que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas.”⁵³

por completo, já tinham feito de tudo para matar a fome, comendo desde os papagaios até o couro dos escudos de *tapirassú* que haviam levado. Numa situação dessa a única coisa que impediu de praticar tal ato foi seu “temor a Deus”, pois não conseguiam se olhar sem segundas intenções. O mestre do navio chegou a dizer que se essa situação tivesse durado mais um dia, teria escolhido um homem, matado e feita refeição deste para os demais.

E claro não poderia deixar de ser citado em seu relato o já costumeiro debate sobre a comunhão. Esse debate também aconteceu na França Antártica e segundo Jean de Léry, Villegagnon queria “(...) comer a carne de Jesus Cristo, não só espiritualmente mas ainda materialmente, à maneira dos selvagens guaitaká, que mastigam e engolem a carne crua”⁵⁴

3. A ANTROPOFAGIA

Os cronistas são a principal fonte no estudo dos costumes indígenas nos primeiros de contato com o europeu. Dentre estes costumes a antropofagia era um tema delicado que levava à discussões como do trecho seguinte:

“De todos os hábitos dos naturais do Novo Mundo, nenhum causaria de certo maior espanto entre os europeus que a antropofagia, causa aliás de constantes discussões filosófico-religiosas acerca da verdadeira índole desses gentios, descendentes de Adão e Eva para alguns, mas para outros pouco mais que bestas-feras – o que de resto propiciava um bom pretexto de escravizá-los.”⁵⁵

Frente a esse comentário é interessante observarmos o posicionamento de Jean de Léry considerado por Leyla Perrone – Moisés como excepcionalmente aberto a alteridade e a diferença. Esta característica foi que permitiu na França o retorno ao mito do bom selvagem que repercutiu nas obras de Montaigne, Ronsard, Rabelais ⁵⁶. De mesma opinião é Laura de Mello e Souza quanto a Jean de Léry e Thevet, mas principalmente o primeiro que conseguiu avançar mais na percepção do indígena, pois percebia o lado negativo do outro, sem deixar de exaltar o que considera bom entre os indígenas. E ela diz mais, que entre os portugueses não era comum tal “simpatia” ⁵⁷. Este é um dos pontos sempre encontrados nos autores que tratam dos cronistas franceses, pois estes são comparados aos portugueses e considerados mais compreensivos, amenos, em especial Jean de Léry, mesmo em comparação com seu arquiinimigo André Thevet. Assim pensa Sérgio Rouenat, que Jean de Léry reconhece

superioridade de certos aspectos da cultura tupinambá sobre os europeus e que estes é que devem se justificar. Rouanet diz que Jean de Léry relativizou a antropofagia de três maneiras: a primeira ela não é pior que a prática dos usuários; na segunda também existe antropofagia entre os civilizados; na terceira a antropofagia tupinambá se deve à vingança e não a gula.⁵⁸ Ronald Raminelli segue esta mesma linha e acredita que a oposição máxima feita entre europeus e americanos se deu nos trechos sobre antropofagia. Porém, essa imagem do índio não seria resultante somente da comparação com o europeu, mas também da luta colonial que os países europeus travavam, aliada a disputa entre católicos e protestantes, uma verdadeira política colonialista calvinista⁵⁹.

O que se vê em todos esses textos é que não há a preocupação em analisar de onde vem a imagem que Léry constrói da antropofagia. E sim, afirmar que ele renovou o mito do bom selvagem, que foi mais ameno que os outros cronistas (portugueses e franceses), ou que estava interessado apenas em se contrapor aos católicos, especialmente a André Thévet.

3.1. Vingança

Quanto ao motivo antropofágico, Jean de Léry deixa bem claro que tal motivo é a vingança. Aos tupinambás interessava tão somente vingar seus antepassados derrotados e devorados pelos seus inimigos. Mas este direito à vingança se restringia aos homens, eles que lutavam, que matavam, que esquartejavam, que comiam, que vingavam. Este é um sentimento arraigado no coração deles e de tão vingativos que são, descontam em tudo que os prejudica,

“Os selvagens, como já disse, são muito vingativos e se enfurecem contra tudo o que os ofende; se dão uma topada, mordem a pedra a dentadas como cães enraivecidos. Por isso perseguindo os animais daninhos libertam deles o país”⁶⁰.

E, como em outro trecho do relato, Jean de Léry parece considerar em certa medida a vingança como um motivo nobre:

“Não abominemos, portanto demasiaado e crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aquelas que se investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar”⁶¹.

Essa atitude quanto ao sentimento de vingança pode ser entendido a partir da idéia de que a vingança é um direito de Deus. Este por ser justo pode vingar-se, ainda mais num período de guerras religiosas. O Deus do amor transforma-se num Deus em busca de justiça da verdade. O Anticristo estava vivo na figura do papa (para os protestantes) e o fim dos tempos, que a fome, a peste e as guerras vieram anunciar, estava muito perto⁶². Com isso, não pretendemos dizer que os tupinambás se equivalem a Deus e tinham os mesmos direitos, mas sim, que esta é uma justificativa mais plausível que a necessidade alimentar. E isso fica claro quando Jean de Léry fala dos acontecimentos do cerco de Sancerre, em que lembra o caso de pais e mães que comeram os próprios filhos e soldados que comeram mortos e teriam comido os vivos, se necessário. Ele também cita a Bíblia, num trecho em que Deus ameaça seu povo

cruel, depois que ele mesmo se sentiu tentado a cometer tal pecado durante a exaustiva viagem do Brasil à Europa ⁶³. Então para Léry só mesmo um pecado tão grave como não servir a Deus para merecer um castigo desses.

Mas também houve casos em que não foi por simples fome que pessoas devoraram outras pessoas em Sancerre, mas sim por duro ódio, fatos que Jean de Léry classifica como carnificina:

“O fígado e o coração e outras partes do corpo de alguns indivíduos não foram comidos por furiosos assassinos de que se horrorizam os enfermos?” ⁶⁴.

3.2. A mulher e a feiticeira

A necessidade alimentar de carne humana também está presente entre os tupinambás mas desta vez não por fome, mas por gula. E os protagonistas desse duplo pecado são as velhas, e segundo Jean de Léry:

“(…) as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte do prisioneiro (…)” ⁶⁵.

Essa opinião não é nada mais que um reflexo do que estava acontecendo naquela época. A mulher sempre foi mais susceptível ao pecado e isso já vinha de Eva, que além de cair em tentação, levou o homem a cair nela também. A produção literária sobre feiticeiras

sem dúvida o “Malleus Maleficarum”, de 1486, dos inquisidores Jacob Sprenger e Heinrich Institor. Este livro serviu de manual para identificar a feitiçaria e mais, que esta heresia estava intimamente ligada à natureza da mulher segundo a experiência desses dois. Segundo os autores do Malleus, “(...) houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja a curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente.”⁶⁶

Até mesmo a natureza feminina era um mistério para o homem. Todas as suas secreções, fluxo menstrual e principalmente a maternidade são quase incompreensíveis e geravam medo no homem. Tudo isso as tornava mais visivelmente percíveis e muito mais ligadas ao ciclo de vida e morte. A mulher era a detentora de sabedorias que o homem desconhecia⁶⁷.

O discurso de teólogos, juristas e da ciência médica caminhava junto, confirmando a inferioridade da mulher em relação ao homem. Que o diga os autores de Malleus, a lista é quase infundável. Ela é mais carnal, mentirosa por natureza, tem paixões desordenadas, rainha das vaidades, luxuriosas, mais impressionáveis e mentalmente inferiores.⁶⁸

Em meio ao medo geral em que se instalava na Europa da Idade Moderna, um medo maior ganhava espaço, ganhava corpo: o medo do demônio. Uma sociedade que esperava o fim do mundo esperava também a vinda do inimigo de Deus que os atormentariam antes do julgamento final. O demônio era visto por todos os lados. Mas do que em qualquer outra época ele esteve presente no cotidiano das pessoas e seu poder sobre a Terra era cada vez maior. Assim nada mais natural que a escolha de “bodes expiatórios”, procedimentos

Desses mesmos crimes os judeus já foram também acusados.⁶⁹ E essa lista de desvios foi passando de grupo em grupo até chegar ao século XIV e encontrar a mulher velha, decrepita e conhedora de sortilégios. Essa junção do medo do fim do mundo, da demonização do cotidiano do combate as heresias dos cátaros, valdenses, fraticelli fez com que o eterno medo da mulher viesse à tona com força total, por meio de livros, sermões e acusações de inquisidores, demonólogos, teólogos e demais religiosos.

Foi o discurso religioso que identificava e organizava todos os atos não condizentes com o cristianismo, dando início ao período que conhecemos como “caça às bruxas”. E também, foi esse discurso que criou o grande símbolo da bruxaria, o sabá uma verdadeira missa às avessas, a consagração da religião de Satã.⁷⁰ O sabá seria então uma cerimônia noturna em que bruxas e feiticeiras reuniam-se em lugares isolados e renunciavam a fé cristã profanavam os sacramentos e rendiam cultos a Satã em forma humana ou animal; dançavam praticavam orgias sexuais; infanticídio e canibalismo. Este era, no geral as características do sabá.⁷¹ A bruxaria era então, um grande crime porque era o único em que se firmava pacto com o diabo, renegando, insultando o Criador e prejudicando suas criaturas. São quatro os elementos principais dessa prática:

“Primeiro é necessário do modo mais profano, renunciar a fé católica, ou negar de qualquer maneira certos dogmas da fé; em segundo é preciso dedicar-se de corpo e alma a prática do mal; em terceiro há de ofertar-se crianças não batizadas a Satã e quarto é necessário entregar-se a toda sorte de atos carnis com Íncubos e Súcubos e toda sorte de prazeres obscenos.”⁷²

A mulher veio a ser então o grande bode expiatório graças ao trabalho desses intelectuais do qual os autores do Malleus são expoentes tornando a mulher o agente de Satã na terra, redimensionando assim, o medo que esta já provocava. Seus culpados são como sempre encontrados nos elementos marginais, desta vez nas mulheres, “(...) as mais velhas, as mais feias, as mais pobres, as mais agressivas, as que causavam medo.”⁷³ Num momento em que beleza era igual a bondade, a decrepitude das velhas ligavam-nas ao inverno, a fome, a inveja, e claro a feitiçaria. Ela é própria encarnação do vício que desperta medo desde a Antiguidade.⁷⁴ Não seria, portanto de se estranhar a atitude de Jean de Léry frente às velhas já que um dos crimes mais imputados às feiticeiras é o canibalismo, mais especificamente de crianças.⁷⁵ Mais uma vez, ambas, velhas e bruxas, estão ligadas em suas razões para praticar o canibalismo ritual. Estas e aquelas estavam separadas por um oceano, mas ligadas no pensamento de Jean de Léry, como seres que comem carne humana num ritual. Em nenhum momento são forçadas a isso, o fazem por puro prazer.

A bruxa, Jean de Léry sabe que fazia por adoração a Satã, e as velhas faziam, ele acreditava, que por pura gula. Talvez por perceber que a vingança, e que a guerra giravam em torno do universo masculino, restava para as mulheres como justificativa para essas criaturas que salivavam frente a um banquete de carne humana, como consta nesta citação:

“Os filhos varões são mais estimados do que as fêmeas por causa da guerra, pois entre os selvagens só os homens combatem e só a eles cabe a vingança contra o inimigo.”⁷⁶

3.3. O ato de matar: crueldade, barbarismo, carnificina

Quanto ao ato de matar o inimigo Jean de Léry o classifica como carnificina e barbarismo. Vamos tratar agora apenas do último visto que também são mencionados em casos que tratam do hábito de matar e de crueldade. O conceito de barbarismo é a seguinte:

“Mas esses bárbaros não só se deleitam no extermínio de seus inimigos, mas também exultam vendo seus aliados europeus fazendo o mesmo.”⁷⁷

São bárbaros não só por gostarem de matar seus inimigos, mas também por festejarem a participação européia na matança. Como sabemos, o termo bárbaro na Grécia e servia para marcar a diferença de costumes dos estrangeiros em relação aos gregos e ainda servia para atestar sua superioridade. Já na baixa Idade Média, bárbaro não era convertido à fé cristã, ser humano imperfeito, sem fé, sem lei, sem cultura. A idéia de bárbaro como aquele que vive longe, de costumes diferentes e incompreensíveis, é como se encaixa e o próprio Léry o chama.

Outro conceito, o de selvagem (sem dúvida a palavra mais usada para se referir aos tupinambás) nos traz outras informações. Este era um regime primitivo, desconhece o que é pecar, sem controle sexual, sem Estado, amante da natureza ao primitivo.⁷⁹ O tupinambá é bárbaro na execução do ritual antropofágico. Este aspecto é o clássico selvagem. Durante todo o seu texto Jean de Léry o

“(...) a mãe fica de resguardo primeiro dia ou segundo; em seguida pendura o ilho no pescoço por uma cinta de algodão e vai tratar da horta como de costume. Não digo isso com o fito de censurar as nossas mulheres que, por causam dos maus ares do pais guardam o leito de quinze dias a três semanas e são tão delicadas a que embora nada as impeça de amamentar os filhos como as mulheres americanas, cometem a desumanidade de entrega-las a pessoas estranhas mandando-as para longe, onde muitas vezes morrem sem que o saibam as mães, as quais só o querem juntos de quando, já bem grandinhos, podem diverti-las”⁸⁰.

Quanto à consideração:

“(...) andamos perdidos por espaço de dois dias e duas noites e sofremos muita fome indo te finalmente a uma aldeia, onde outrora havíamos estado e onde fomos recebidos pelos selvagens com grande carinho (...) demonstraram-nos grande compaixão, bem diferentes entre esses pretensos bárbaros da piedade formalística usada entre nós pelos que, para consolação dos aflitos, tem apenas palavras vãs”⁸¹.

E, quanto à caridade, afirma:

“Mostram os selvagens sua caridade natural presenteando-se diariamente uns aos outros com veações, peixes, frutas e outros bens do país; e prezam de tal forma essa virtude que morreriam de vergonha se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem (...)”⁸².

4

“Fiava-me neles e me consideravam mais seguro no meio desse povo, a que apelidamos selvagem do que em França entre muitos franceses desleais e degenerados”⁸³.

Em contraposição ao artificialismo e degradação do europeu, está sempre presente na obra de Jean de Léry os ideais de Renascença, de retorno à vida simples, natural e pura. O amor pela matança seria então prática diversa (pelo menos na teoria) da sociedade cristã de Léry, além disso, somava-se o fato desses “bárbaros” regozijarem-se ao verem os europeus fazerem o mesmo, alegrando-se com o barbarismo alheio.

Na maioria das vezes o ato de matar aparece associado ao ato de comer e é classificado da seguinte forma: crueldade, carnificina, bacanal, abominável, detestável e monstruoso. O interessante é notar que das cinco referências, uma trata exclusivamente de demonstrar a crueldade européia nas guerras religiosas:

“Depois dessa horrível carnificina, alguém cujo o nome declaro ignorar, reconhecendo que a crueldade ultrapassava todos os limites (...)”⁸⁴.

Outras duas falam somente do tupinambá, que são :

“Poderia aduzir outros exemplos da crueldade dos selvagens para com seus inimigos, mas creio que o que disse já basta para arrepiar os cabelos de horror”⁸⁵.

“Mas é principalmente quando emplumados e enfeitados que matam e comem o prisioneiro de guerra em bacanais à moda pagã, de que são sacerdotes ébrios, que se faz interessante vê-los

No primeiro, Léry faz esse comentário após narrar todo o ritual antropofágico. Comentário que condiz perfeitamente com a surpresa e repulsa do ato. No segundo, a associação com a antiga religião grega, evidencia a opinião de nosso cronista quanto à religião, ou melhor, dizendo a falsa religião dos tupinambás.

Os outros dois trechos fazem ligação entre a prática americana e a européia, sempre lembrando que essas práticas estão presentes entre os europeus. E talvez o ato europeu seja mais degradante.

Quanto ao preparo do corpo para o ritual antropofágico são interessantes três observações. Todas as três fazem alusão ao preparo de alimentos na Europa, são elas:

“(…) e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que cai redondamente morto sem se quer mover braço ou perna. E dir-se-ia um magarefe abatendo um boi”⁸⁷.

“(…) esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno”⁸⁸

“Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espotejam com tanta rapidez que não faria melhor um carnicheiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro”⁸⁹.

Todas as citações, portanto fazem ligação entre o ritual e a prática alimentar européia, o que demonstra como estavam próximos esses dois campos. Independentemente da motivação tal ato sempre remonta a alimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num período em que as Reformas Católica e Protestante mexeram com os nervos e as idéias das pessoas, a presença de uma humanidade estranha deve ter tido um peso considerável. No pensamento, na construção de conceitos. É definitivamente um tempo de mudanças. O que deve ter sido encontrar um continente enorme povoado por seres saídos da imaginação. Uma série de novas experiências e de novas idéias.

Vimos que a alimentação foi uma das novidades. Um povo que não tem pão, nem vinho, mas que passa muito bem com outras iguarias. O novo fascinou Jean de Léry, a farinha de mandioca desmancha-se na boca, o lagarto é uma delícia que o surpreendeu, os peixes, as carnes saborosas. As frutas servem como medicamento. Tudo enfim, diferente do que havia lá do outro lado do oceano. Jean de Léry se rende ao banquete que a alimentação americana proporciona. O diferente pode, às vezes, até repugna-lo num primeiro momento, mas quando se rende a curiosidade de provar, logo a sua opinião muda, como foi com o lagarto. Muda a tal ponto que procura justificativas para que possa provar sem culpa as delícias americanas, como aconteceu com o cauim.

Mas não só o sabor surpreendeu Jean de Léry. Também os hábitos alimentares, beber em demasia e comer moderadamente, sem horário certo para as refeições. Não colocam o sal na comida, mas direto na boca. Comem em profundo silêncio, lavam mãos e bocas antes e depois das refeições. Quanto a esta última parecem um povo um tanto civilizado. Mas também têm crenças ridículas, como a de que comer animais lentos também os tornarão lentos. O moquém, peça chave na alimentação indígena também guarda carne humana, vê-se

Léry mostra que essa diferença não existe. É interessante notar como ele consegue ser somente descritivo em alguns momentos ao tratar do ritual antropofágico. A começar pelo título do capítulo: “De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e de cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los”.

Na verdade, não conseguimos chegar a uma conclusão da origem exata da representação de Jean de Léry sobre a antropofagia. A bibliografia sobre o assunto é muito reduzida. Os livros que tratam dos cronistas falam apenas de passagem da antropofagia e não fazem mais do que repetir o que Léry disse. O único que realmente se aprofunda é Ronald Raminelli, mas apenas quanto à questão da mulher.

Mas, mesmo assim, nos foi possível identificar algumas matrizes de suas representações, pelo menos dentro do universo europeu, neste caso: as guerras religiosas, a “nova humanidade” – o ameríndio, a bruxaria e os conceitos relativos à mulher e às velhas.

O que podemos observar, também foram pequenas dicas deixadas por Jean de Léry como por exemplo, no caso das mulheres em que as velhas gulosas e as mulheres falsas demonstram a imagem que se tinha da mulher, como o demônio do lar, a perdição da humanidade. As índias e as bruxas praticam a antropofagia, a primeira por gula e a segunda por devoção a Satã. Mas, no entanto, sem grandes surpresas já que isso se deve a natureza decaída da mulher. Entretanto, é de se espantar a antropofagia do europeu cometida seja por fome seja por ódio. Um homem civilizado, um servo que comete tal crime é abominável, cruel. Nesse caso o ato em si e o motivo que o leva a ele, são degradantes para o homem europeu. Já quando ele fala do homem tupinambá há uma diferença. O ato continua sendo

juízos. Ele torna-se mais grave naqueles “que conhecem a verdade” e naqueles cuja
razões não considera justificáveis. Ele parece construir ou transplantar a “cadeia do ser” d
alimentação para a antropofagia. Parece ele mesmo definir os vários tipos de grau, na qua
cada motivação corresponde a um julgamento e que uns são mais nobres do que os outros, o
mais abomináveis.



FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo: EDUSP. 1980. v.10.

Bibliografia

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo:EDUSP.1983.v.1.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia brasileira*.4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional,brasílíana,v.34,1980

DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Editorial Estampa: Lisboa, 1983. v. 1.

- ELTON, G. R. *A Europa durante a Reforma:1517-1559*. Lisboa: Martins Fontes,1982
- FLANDRIN, Jean-Louis;MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*.4.ed.São Paulo: Estação Liberdade,1998
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras,1991
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*.6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques; NORBERT J. PIERRE. *História novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LEITE, José R. T. viajantes do imaginário: a América vista da Europa, séculos XV-XVI. In: *Revista USP*. São Paulo, n.30, p.32-45, jun./ago.1996.
- MAROTTO, Cláudia. *O que é história das mentalidades?*São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1991.
- MELLO E SOUZA, Laura. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, thevét, Léry. In: *Revista USP*, São

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ROUANET, Sérgio P. O mito do bom selvagem. In: Novaes, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1999. p.415-438.

SALLMANN, Jean-Michel. Feiticeira. In.:DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir) *História da mulher: do Renascimento à Idade Moderna*. São Paulo: Afrontamento,1991.v.3.

SPRENGER, Jacob; INSTITOR, Heinrich. *Malleus maleficarum*. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1987